



NO ORDINÁRIO DA VIDA, UM ENCONTRO COM DEUS – UMA LEITURA DA REVELAÇÃO A PARTIR DA OBRA CRIME E CASTIGO, DE FIODOR DOSTOIEVSKI

(In ordinary life, an encounter with God - a reading of revelation from the book *Crime and Punishment*, of Fyodor Dostoyevsky)

James Wilson Januário de Oliveira*

Religioso da Sociedade do Divino Salvador - Salvatoriano; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Graduando em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP.

Weslei Ribeiro da Cunha**

Professor da rede pública municipal de Fortaleza. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Autor da Dissertação “Uma alegria difícil: A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector, sob a Orientação da Prof^ª Dr^ª Odalice de Castro Silva.



RESUMO

O presente texto pretende desenvolver uma reflexão acerca da valorização da vida humana, na sociedade hodierna, estabelecendo como foco as contrastantes perspectivas do ordinário e do extraordinário da vida. Para tanto, enfatizaremos a concepção da Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, o qual propõe uma postura de uma Igreja peregrina, que almeja dialogar com os homens em suas vidas ordinárias (pretendemos resgatar o sentido positivo do termo “ordinário”), em detrimento de uma visão triunfalista, que prioriza os grandes feitos da história. Nesse sentido, estabelecemos um diálogo com a obra literária *Crime e Castigo* (1866), de Fiodor Dostoievski, cujo protagonista, Raskolnikov, desvela-se a partir do dilema contemporâneo entre ser ou não ser um extraordinário perante a sociedade, sua consciência moral é posta à prova após um crime cometido. O ápice desse desvelamento se verifica após a leitura do Evangelho referente à ressurreição de Lázaro, partilhada com Sonia, flagrante pecadora, uma “ordinária” aos olhares da sociedade, representada na obra. Com efeito, como se verifica na penosa travessia de Raskolnikov, Deus se dá a conhecer, por meio do outro, no ordinário da vida, em condições-limite, e nós damos conta Dele, por meio da experiência que o homem de fé realiza ao descobri-Lo presente. A presença de Deus no mundo não é, pois, entendida na esfera do extraordinário, o que importa é a experiência da acolhida ao nos tornarmos seduzidos pela fé.

Palavras-chave: Revelação; Ordinário-Extraordinário; Teologia e Literatura.

ABSTRACT

The objective of the present text is to develop a reflection about the value of human life in today's society bringing into focus the contrasting perspectives of the ordinary and the extraordinary of life. For that purpose, we emphasize the conception of the Catholic Church from the Second Vatican Council that suggests an attitude of a Pilgrim Church which longs for dialogue with human beings in their ordinary life (we intend to rescue the positive sense of the term “ordinary”), in disadvantage of the triumphalist vision which gives priority to the great deeds of history. In that sense, we establish a dialogue with the literal work *Crime and Punishment* (1866) by Fyodor Dostoyevsky whose protagonist Raskolnikov reveals himself through the contemporary dilemma between being and not being extraordinary in the eyes of the society. His moral conscience is tested after a crime he committed. The apex of this revelation takes place after the reading of the Gospel relating to the resurrection of Lazarus shared with Sonia, a flagrant sinner, an ordinary in the eyes of the society represented in the work. In fact, how it happens in the painful passage of Raskolnikov, God makes himself known through the other in borderline situations and we take him into account through the experience which a man of faith realizes when discovering Him to be present. The presence of God in the world is surely not to be understood in the sphere of the extraordinary, what matters is the experience of refuge when we are seduced by the faith.

Keywords: Revelation, Ordinary-Extraordinary; Theology and Literature.

FACES DO ORDINÁRIO: INTRODUÇÃO

O termo “ordinário”, atualmente, traz uma carga semântica pejorativa para o senso comum. Tornou-se frequente ouvirmos dizer que algo desprezível é ordinário; quem não



assume uma posição de destaque na sociedade é ordinário; o que é trivial, banal, está associado ao ordinário e que uma vida sem grandes emoções é uma vida ordinária. Vivemos em um momento histórico no qual só se valoriza o extraordinário, aquilo que é “top”. A ideologia dominante nos incentiva a fortes emoções, as imagens nos provocam a sairmos do comum e assumirmos um consumo desenfreado, para estarmos sempre na moda e, por conseguinte, não cairmos no ordinário.

Precisamos recuperar esta palavra em seu sentido positivo. O Concílio Vaticano II, em sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que trata a relação da Igreja com o mundo hodierno, em seu número 1, enfatiza que:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitam a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história.¹

Conforme podemos perceber, há uma valorização da vida humana em seu dia-a-dia, visto que a vida acontece a todo o momento, ela não se expressa somente em grandes acontecimentos, mas o importante é o todo da vida humana. Esta concepção representa uma recuperação, na teologia cristã, da categoria história, rompendo com a visão dualista que predominou em nossa Igreja por séculos, de uma história profana, a dos homens e de uma história divina, a de Deus. Este, por sua vez, se fazia presente na história humana somente em alguns momentos extraordinários, em eventos grandiosos. No mais, os homens viviam aqui solitários, abandonados a sua própria sorte, já que esta terra não é mais o jardim do Éden, o paraíso, no qual Deus caminhava na presença dos homens.² Percebemos que este mundo passa a ser considerado como um vale de lágrimas, uma vida castigada: “Com o suor do seu rosto comerás teu pão.”³

Durante muitos séculos, esta visão dualista norteou a reflexão cristã, a qual confere ao mundo terreno um lugar de passagem, cabendo aos homens buscarem a sua pátria celeste, a Nova Jerusalém, pois somente lá encontrariam novamente a presença de Deus. Tal concepção legou para a categoria da história grandes prejuízos conceituais, pois a visão de história ficou banalizada, marginalizada, já que este mundo fora depreciado. O pensamento dominante passou a valorizar somente os grandes eventos históricos, eventos grandiosos feitos por homens grandiosos. Segue, pois, a pergunta que ficou calada: e os demais homens, onde estão?⁴ Somente reis e nobres, ricos e famosos é que constroem a história? Os homens reais, em suas vidas cotidianas, não fazem história?⁵

Como bem vimos na passagem acima do Vaticano II, a Igreja se redimiou com a história, não é mais a Igreja triunfalista que só se importa com os grandes, mas é a Igreja que se faz peregrina, que quer dialogar com os homens concretos em suas vidas ordinárias, porque se descobriu que a história é feita por todos, que a história acontece em todos os



lugares e é feita com a participação de todos os homens. Como podemos perceber nas sábias palavras de Gullar:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.⁶

O que vemos é um verdadeiro resgate da história, uma redescoberta da importância do ordinário, como um momento fundamental da vida humana, da poesia presente na simplicidade, que é feita em grande parte do ordinário, do cotidiano. O dicionário nos apresenta a seguinte definição da palavra “ordinário”:

[Do lat. *ordinariu*] Adj. 1. Que está no ordem usual das coisas; habitual, useiro, comum: ocorrência ordinária. 2. Regular, periódico, costumeado, frequente: São ordinárias, ali, as festas. 3. De má qualidade; inferior: vinho ordinário. 4. De baixa condição; baixo, grosseiro; mal-educado: Que indivíduo ordinário! 5. Medíocre, vulgar: inteligência ordinária. 6. Bras. Sem caráter; reles, ruim. ~ V. ação – a, derivada – a, descontinuidade – a, equação diferencial – a linear, onda – a, passo – e ponto -. •S. m. 7. Aquilo que é habitual. 8. Superior eclesiástico. 9. Música em passo de marcha. 10. Lit. Designação comum às partes invariáveis de qualquer missa, cantada ou não, e que se apresentam na seguinte ordem: *Kyrie, Gloria in excelsis e credo; Sanctus e Benedictus; Agnus Dei*. [Em certos casos, o Glória e o Credo são suprimidos. Cf. próprio (12). V. ano litúrgico.] 11. Indivíduo grosseiro ou sem caráter; indivíduo reles. ♦ De ordinário. Ordinariamente; por via de regra: “a fisionomia, de ordinário meiga, tornou-se severa” (Machado de Assis, Helena, p.162).⁷

Em sua própria definição, a palavra ordinário tem sentido negativo e positivo, dependendo de como ela é usada. O ordinário é banalizado por nós, já que reduzir a nossa vida ao ordinário, ao comum, seria nos igualar demais aos outros, sem os luxos, a extravagância, sem a busca desenfreada hoje pela diferenciação, por realçar aquilo que nos diferencia, esquecendo de procurar aquilo que nos une.

O mundo contemporâneo nos quer incutir a fragmentação, a impossibilidade de ser uma espécie, não homogênea, no sentido da igualdade absoluta, mas uma espécie que tem traços em comum e que não podem e não devem ser esquecidos, caso contrário ficará inviável a vivência social, restando apenas guetos microcósmicos, mônadas isoladas socialmente. Voltaríamos, pois, ao mito do Robinson Crusoe, o homem isolado em sua ilha.

Perceber a importância do ordinário é compreender que a história humana é feita por nós, homens e mulheres, de diferentes classes, raças, credos, opções de vida, porém compartilhamos um gênero, o humano, que nos possibilita viver em comunhão, em



sociedade, que nos permite viver aprendendo com os outros e ensinando ao aprendermos. Nesse sentido, estamos neste mundo e somos herdeiros de uma tradição comum, ordinária de homens e mulheres que nos antecederam na história e que não podemos ignorar, pois correríamos o risco de achar que estamos neste mundo à deriva, que viemos do nada e que descobriremos tudo a partir do nada, que seremos extraordinários sempre. Isso reforça uma espécie de aversão pelo ordinário, associando sempre ao medíocre, ao banal.

Na sociedade hodierna, não há espaço para medíocres, almejamos fazer a diferença, ser esta diferença no mundo.

Contudo, para sermos esta diferença, não precisamos ser pessoas extraordinárias, precisamos ser pessoas capazes de construir a história, sujeitos da nossa história! Lutarmos para isso.

Isso nos fará iguais a muitos outros que o fizeram, nos fará pessoas ordinárias que buscam a liberdade, a autonomia, o seu espaço no mundo, que tem sentido em seu viver. A grande busca, dentro do ordinário da vida, é a busca do sentido, não podemos viver vagando neste mundo e deixando para os outros a tarefa de fazerem a nossa história.

A teologia cristã conseguiu dar um salto qualitativo ao perceber que, na vida ordinária dos homens e mulheres, há possibilidades de se conhecer a Deus por sermos seres de transcendência. Aqui vale a pena lembrar que o conhecimento não é teórico, porém existencial, é na experiência da vida que podemos conhecer.

Transcendência não quer dizer meta-histórico, metafísico, mas no sentido de que, na realidade histórica, nas mais variadas formas de vida, nós podemos nos dar conta⁸ da presença de Deus no cotidiano da vida.⁹ Nas palavras de Rahner:

Se a autocomunicação de Deus é modificação última e radicalização de nossa transcendentalidade como tal, pela qual somos sujeitos, e se nós, como sujeitos de infinitude transcendental, nos apresentamos como tais nas mais ordinárias ocupações de nossa existência do dia-a-dia, no trato secular com quaisquer realidades de caráter individual, então isso implica que a experiência original de Deus até em sua autocomunicação pode ser tão universal, tão atemática e tão “arreligiosa”, que ocorra, sem nome, mas realmente, onde quer venhamos a exercer nossa existência.¹⁰

O conhecimento de Deus a que visamos aqui é, portanto, aquele conhecimento de Deus concreto, originário, historicamente determinado e transcendental, que, quer na modalidade da aceitação, quer na da rejeição, inevitavelmente ocorre na profundidade da existência até da mais ordinária vida humana.¹¹

Rahner nos chama a atenção para a autocomunicação de Deus, que se faz no ordinário da vida, a todo tempo e lugar, já que a iniciativa é sempre d’Ele. Realçando com isto a importância do ordinário para a autocomunicação divina, passaremos a aprofundar acerca do referido tema a partir da obra Crime e Castigo, do escritor russo Fiodor



Dostoievski, uma narrativa exemplar na importância do ordinário e da autocomunicação divina na vida humana.

ENTRE O ORDINÁRIO E O EXTRAORDINÁRIO, UM DRAMA DA MODERNIDADE

Crime e Castigo, publicado em 1866, é o segundo dos romances mais extensos de Fiodor Dostoievski escritos após o exílio na Sibéria e uma referência importante para a literatura universal. Para Joseph Frank¹², crítico e biógrafo do escritor russo, a genialidade de Dostoievski permitiu-lhe elevar as doutrinas dos niilistas russos, ponto de partida do autor, a alturas artísticas comparáveis às maiores criações da tragédia grega e elisabetana. O objetivo dessas ideias, como enfatiza o crítico,

era altruísta e humanitário, inspirado na piedade e na compaixão pelo sofrimento humano; em sua origem estava o que Dostoievski acreditava ser a natureza moral inerentemente cristã do povo russo.¹³

Narrativa de forte poder de atração, uma das maiores do século XIX, desprende-se das contingências de seu tempo, por lidar com importantes dramas da condição humana. Para Malcolm Bradbury¹⁴, *Crime e Castigo* pode ser considerado o primeiro romance moderno, “um livro que indicou o conflito e a crise do espírito da época”, em cuja narrativa, como observou o crítico russo Mikhail Bakhtin, há uma grande “polifonia”, em que muitas vozes estão em constante disputa.

Essa densa narrativa traz em seu cerne desdobramentos discursivos, recursos para uma análise psicológica profunda da personagem.

O livro divide-se em seis partes e um epílogo; no final da primeira parte, ainda nas primeiras cem páginas, o crime é cometido. As cinco partes que se seguem, o corpo do romance, abordam o castigo, que é essencialmente um processo de crise psicológica e autoacusação complexa, e culmina com a confissão, primeiro em público, na rua, depois na delegacia[...] Como disse Dostoiévski, o livro é a análise psicológica de um crime que vai se desenvolvendo depois que ele é cometido.¹⁵



Nesse sentido, Bradbury¹⁶ considera que o estudante Raskolnikov comete um crime moderno e sofre um castigo moderno, visto que o seu pretense ato de coragem e de busca por “fazer um gesto novo” implicaria também em sua autodestruição. O drama psicológico e existencial que enfrenta Raskolnikov, após o crime a machadadas contra os crânios da usurária Aliona Ivanovna e sua irmã Lisavieta, pode ser lido, entre tantas abordagens, como observa Bradbury, como o mais profundo romance policial, no qual “o trabalho de investigação do crime implica a busca implacável de motivos e o verdadeiro detetive é o próprio criminoso; como um ‘thriller metafísico, que analisa a própria natureza do pecado’; como uma história de orgulho trágico; bem como “uma visão penetrante do niilismo e egotismo do mundo moderno, em que o super-homem moderno tenta ir além do império do bem e do mal”.¹⁷

A dissociação entre o agente e o ato criminal, em *Crime e castigo*, está representada através de um inquietante desdobramento discursivo, na medida em que as ideias e sensações estranhas de Raskolnikov, decorrentes de sua tentativa de libertar-se das amarras do pensamento, da fé, da moral, tornam-se uma realidade terrível. Nesse sentido, conforme Bradbury,

o romance diz respeito à transformação do inimaginável em real, de desconexão e conexão, de eventos aleatórios em responsabilidades humanas, de pensamentos em atos, de atos imaginados em atos de alguém.¹⁸

Raskolnikov, sob profundo descontrole emocional, pretende estabelecer conexão entre suas ideias e o mundo aleatório que o cerca, o que pode ser observado através da discussão com as personagens Razumikin e Piotr Porfiri, sobre o artigo “Acerca do crime”, de autoria de Raskolnikov, na gazeta “Palavra Periódica”, em que essa personagem sustenta a polêmica da existência de pessoas ordinárias e extraordinárias, assim como contesta o determinismo social:

Quanto à minha divisão dos seres em ordinários e extraordinários, convenho que é um pouco arbitrária, mas ponho de parte a questão de egoísmo, que não faz nada ao caso. Simplesmente julgo que, no fundo, o meu pensamento é justo. Quero estabelecer o princípio de que a natureza divide os homens em duas classes: uma inferior, a dos ordinários, espécie de matéria, tendo por única missão reproduzir-se; a outra superior, compreendendo os homens que têm o dever de lançar no seu meio uma palavra nova. As subdivisões apresentam traços bem característicos.¹⁹

As idéias do inconformado protagonista, além de contestarem o ideal historicista do progresso determinista, que não tem, como afirma ironicamente, o “mérito da novidade”, contrastam dialeticamente questões morais e psicológicas que giram em torno dos crimes cometidos pelo jovem intelectual, de pretensões napoleônicas, contra a



velha usurária, que personifica o sistema que o oprime, e cuja existência em nada contribui para a humanidade, e contra a sua irmã, a qual se viu obrigado a matar.

Para justificar o seu ato, Raskolnikov busca legitimar, entre seus valores, o direito ao crime aos homens extraordinários, entre os quais cita Licurgo, Sólon, Napoleão Bonaparte, Isaac Newton, homens singulares, entre os quais pretendia se enquadrar, “por lançarem no seu meio uma palavra nova”: “O primeiro grupo é senhor do presente, e o segundo é senhor do futuro. Um conserva o mundo, multiplica-lhe os habitantes; o outro move o mundo e o dirige.”²⁰

Portanto, ao discutir com Razumikin e Piotr Porfiri sobre essas idéias, a partir do artigo “Acerca do crime”, Raskolnikov busca desmistificar a idéia de “influência do meio”, já que almeja lançar ao seu meio “uma palavra nova”, acreditando, com isso, estar optando pela vida:

- Não estou errado! Mostrar-te-ei os panfletos. Qualquer coisa para eles é “influência do meio”: esta é a sua frase favorita. (...) A natureza humana não é levada em conta, é excluída, simplesmente negada. Não reconhecem que a humanidade desenvolvendo-se por um processo histórico-biológico há de se tornar afinal uma sociedade normal. Eles, porém, acreditam que um sistema social criado por um cérebro matemático é capaz de organizar, perfeita e imediatamente, a humanidade e fazê-la justa e sem pecados num ápice, com maior rapidez que qualquer evolução biológica. Por isso, instintivamente odeiam a história (nada há senão horror e estupidez) e explicam-na toda como uma estupidez! Por isso odeiam a evolução natural da vida! Não desejam um espírito vivo! O espírito vivo necessita de vida, o espírito não obedece às leis mecânicas, é objeto de suspeita, o espírito é retrógrado! Mas o que desejam, embora tenha cheiro de cadáver e seja feito de borracha, é uma humanidade, no mínimo, sem vida própria, sem vontade, servil e que não se revolte!²¹

Nesse sentido, para Joseph Frank²², Dostoievski, por meio de Raskólnikov, procura exemplificar todos os perigos em potencial de um egoísmo protonietzschiano entre uma elite de indivíduos superiores em quem deveriam ser postas as esperanças do futuro. Com isso, conforme destaca Frank, acerca do protagonista de *Crime e Castigo*, “os traços morais e psicológicos de sua personagem incorporam entre, de um lado, a bondade instintiva, a compaixão e a piedade e, de outro, um egoísmo orgulhoso e idealista que se degradou num desdém insolente pelo rebanho submisso.”²³

Com efeito, subjacente aos anseios napoleônicos de Raskolnikov, a narrativa, além do drama do crime da protagonista, apresenta-nos situações de profunda degradação do ser humano, tal como esta é personificada por Marmeladov, o qual declara a todos que ele e sua famélica família são mantidos pelo autossacrifício da filha prostituta: Sonia; bem como se verifica um conflito decorrente de situações familiares: o repugnante casamento da irmã Dunia, por finalidades meramente interesseiras, com Lujin, um advogado, com um alto cargo no setor público, pomposo, cheio de um senso esmagador de sua própria importância.



Com isso, a consciência moral da protagonista é posta à prova. Verifica-se, assim, um constante desvelamento de Raskolnikov, na medida em que o próprio dilema entre o ser ou não ser extraordinário, um homem digno de ser imortalizado no bronze, tal qual Napoleão; ou ordinário, o mais comum dos mortais, descortina-se por meio de um autoconhecimento, proporcionado pelo contato com a condição ordinária, mísera do Outro.

O ápice desse desvelamento acontece logo após a leitura do Evangelho referente à ressurreição de Lázaro, partilhada com Sonia, flagrante pecadora, uma “ordinária” aos olhares da sociedade, por conseguinte, única pessoa a quem poderia revelar a verdade. Nesse sentido, como enfatiza Joseph Frank²⁴, a ressurreição de Lázaro oferece a possibilidade da própria ressurreição moral, verificando-se nesta leitura uma analogia possível entre Sonia e Maria Madalena e entre Raskolnikov e o próprio Lázaro. Com efeito, para Frank:

Dostoievski descreveu aqui o conflito entre os imperativos intransigentes do amor cristão e a reivindicação de uma justiça social mais equitativa. Temos, de um lado, a ética do ágape cristão, o sacrifício total, imediato e incondicional do eu que é a lei da existência de Sonia (e o valor mais alto do próprio Dostoievski); e, de outro, a ética utilitarista racional de Raskolnikov, que justifica o sacrifício dos outros em nome do bem social comum.²⁵

A confissão de Raskolnikov à Sonia culmina no “Epílogo”, a partir do qual verificamos uma possível conversão da protagonista por meio de um “arrependimento sincero”. Nesta ocasião, percebe-se, após já condenado à prisão na Sibéria por oito anos, uma inquietação em meio a uma vontade de redimir-se, bem como de um sentimento frustrante, esmagador, de derrota do pretense protagonista: “o que o tortura é não conseguir ver defeito em sua teoria, mas encontra-o em si mesmo”²⁶. Raskolnikov sofre ao ter de reconhecer que de fato não é um extraordinário:

Todavia, a vergonha constrangia-o mesmo para com a própria Sonia; era por isso que se mostrava grosseiro e desdenhoso. Mas essa vergonha não era dos grilhões, nem da cabeça raspada; e seu orgulho fora ferido cruelmente; e dessa ferida é que ele sofria [...]. O que o humilhava era ver-se ele, Raskolnikov, perdido estupidamente, perdido sem remissão e ter de submeter-se, resignar-se, se quisesse encontrar um pouco de sossego.

Uma inquietação sem objetivo e sem fim no presente, um sacrifício contínuo no futuro – eis o que lhe restava na terra. Vão consolo para ele, pensar que dali a oito anos só teria trinta e dois anos e que nessa idade poderia recomeçar a vida! Viver para quê? Mas ele sempre estivera pronto a jogar a vida por uma ideia, uma esperança, até por uma fantasia. Fizera sempre pouco caso da vida pura e simples; quis sempre mais alguma coisa. Talvez a força dos seus desejos o fizera crer outrora que era desses homens a quem é permitido mais que os outros.²⁷



Raskolnikov procura um novo sentido para a vida em sua nova condição, após uma travessia penosa. Das pretensões outrora napoleônicas, resta-lhe a busca de si, a qual só lhe fora possível por meio do Outro. Esta revelação, não obstante, exige renunciar o próprio egoísmo, ou mesmo humilhar-se, para, enfim, buscar no Outro a felicidade, uma realização pessoal por meio do amor ao próximo, o que acontece já ao final deste inquietante romance, quando Raskolnikov se ajoelha diante de Sonia:

Subitamente e sem que ele mesmo soubesse como, uma força invisível lançou-o aos pés da moça. Abraçou-lhe os joelhos, chorando. No primeiro momento ela ficou assustada e pálida. Levantou-se vivamente e a tremer olhou para Raskolnikov. Mas bastou-lhe esse olhar para compreender tudo. Uma felicidade imensa se via nos seus olhos radiantes; não podia já duvidar de que ele a amava com um amor infinito, finalmente...

Quiseram falar, mas não puderam. Tinham lágrimas nos olhos. Estavam ambos pálidos, mas no seu rosto brilhante já a luz de uma renovação, de um renascimento completo. O amor regenerava-os, o coração de um encerrava uma fonte de vida para o outro. Resolveram esperar. Tinham ainda sete anos de Sibéria; de que sofrimentos intoleráveis e de que doce felicidade devia ser preenchido para eles esse tempo! Mas ele tinha ressuscitado, sentia-o no seu ser, e Sonia – Sonia só vivia da vida de Raskolnikov.²⁸

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão: Dar-se conta de...

Ao criar, Deus assim o faz por amor, não por necessidade ou carência. A criação é contínua, visto que a presença de Deus não substitui a ação livre da criatura, para que ela viva e se realize. Como diria santo Irineu, a glória de Deus é o ser humano vivente. A presença de Deus no mundo não é entendida como algo extraordinário, não se faz como em alguns filmes, nuvens se abrindo, irradiantes. Pois Ele sempre está dentro do mundo²⁹, sustentando-o e revigorando-o.³⁰

Isto não implica dizer que Ele seja algo empírico, concreto. Mas, ao contrário:

Ele fundamenta nosso ser contingente e o mantém em existência. Ao mesmo tempo, nós descobrimos sua diferença qualitativa em relação a nós. Ele é Outro de nossa relatividade, contingência e materialidade; é infinito, incorpóreo e transcendente.³¹

Dentro desse panorama, fica claro que o que importa é a experiência que o homem de fé faz de Deus, descobrindo-O presente, visto que “ao início do ser cristão, não há uma



decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo.”³²

A experiência de Deus acontece no ordinário da vida. É Ele que se dá a conhecer a nós, basta ao homem abrir-se a sua presença. Como na narrativa de Dostoievski, no começo da obra, Raskolnikov é um ateu, um homem que se julga extraordinário, acima do bem e do mal. Com o desenrolar de seu crime, o protagonista vai se descobrindo uma pessoa comum, ordinária, que vive no ordinário. A se ver desta forma, ele vai percebendo a presença de Deus e se direciona a Ele. O que o faz se tornar um crente é a experiência, por mais dolorosa que seja, de se ver uma pessoa comum, uma criatura que necessita, que tem carências, que não é independente e isolada. Nessa sua experiência, descrita na obra, podemos concordar com Queiruga quando diz:

Deus permanece sempre Senhor, sempre o sujeito; de forma que quem pensa que o tem como objeto, já não O tem, porque é Deus que sempre “vem”, nunca aquele “que está aí”. Vamos insistir. Deus, amor sempre “em ato”, não é como um profeta que aparece e se retira, que se cansa e se reanima: “meu Pai está sempre trabalhando” (João 5,17). Presente em toda a criação e atento a cada ser em particular, está mantendo e movendo os corações com seu Espírito, em qualquer tempo e circunstância (ver Romanos 8,22-30). De um modo que ultrapassa todos os limites de nossa compreensão, Ele trata de se revelar continuamente, solicitando aceitação pela consciência humana: “veja que estou à porta e chamo; se alguém ouvir minha voz e abrir, entrarei...” (Apocalipse 3,20). Deus, em outras palavras, está “pressionando” o espírito humano com seu amor para que cada homem e mulher possam descobri-lo. São João da Cruz o disse magnificamente: “Deus é como o sol sobre as almas para se comunicar com elas”; e noutro trecho ele fala de “voz infinita”.³³

Deus se dá a conhecer e nós nos damos conta Dele, como foi o caso de Raskolnikov, que ao perceber esta presença de Deus, acolhe-a, recebe-a como graça em sua vida, tornando-se um homem seduzido pela fé. Um homem ordinário, porém, que vive agora com um novo horizonte em sua vida, vive com amor, por amor, com esperança e fé.

BIBLIOGRAFIA

Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968.

BENTO XVI. Carta encíclica Deus caritas est. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRADBURY, Malcolm. O mundo moderno. Dez grandes escritores. Tradução por: Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



DOSTOIEVSKI, Fiodor. Crime e castigo. (Biblioteca Folha. Clássicos da Literatura Universal). Trad. Luiz Cláudio de Castro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

FRANK, Joseph. Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865-1871. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2. ed.. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

QUEIRUGA, Andrés Torres. Revelação como “dar-se conta de”: razão teológica e magistério pastoral. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura – ano III, n.18.

RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé. São Paulo: Paulus Editora, 1989.

NOTAS

* Religioso da Sociedade do Divino Salvador - Salvatoriano; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Graduando em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP.

** Professor da rede pública municipal de Fortaleza. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Autor da Dissertação “Uma alegria difícil: A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector, sob a Orientação da Profª Drª Odalice de Castro Silva.

¹Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 143-144.

² Cf. a narrativa de Gn 3, o relato do paraíso.

³ Ibidem.

⁴ Cf. O poema de Bertolt Brecht: Perguntas de um trabalhador que lê.

⁵ Veja os relatos de reis na Bíblia, por exemplo, no livro das Crônicas.

⁶ Cf. Disponível em: <http://pt.wikiquote.org/wiki/Ferreira_Gullar>. Acesso em 22/09/2012.

⁷ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p.1231.

⁸ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. Revelação como “dar-se conta de”: razão teológica e magistério pastoral. Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura – ano III, n.18.

⁹ Cf. Livro de Jo, 19,25: “Eu sei que meu defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó”.

¹⁰ RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé. São Paulo: Paulus, 1989, p.164.

¹¹ Ibidem, p.75.

¹² FRANK, Joseph. Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865-1871. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 148.

¹³ Ibidem, p.149.

¹⁴ BRADBURY, Malcolm. O mundo moderno. Dez grandes escritores. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 27.

¹⁵ Ibidem, p. 51-52.

¹⁶ Ibidem, p. 20.

¹⁷ Ibidem, p.51.

¹⁸ Ibidem, p.55.

¹⁹ DOSTOIEVSKI, Fiodor. Crime e castigo. (Biblioteca Folha. Clássicos da Literatura Universal). Trad. Luiz Cláudio de Castro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998, p.280.

²⁰ DOSTOIEVSKI, Fiodor. Crime e castigo. *Op. Cit.*, p. 281.

²¹ Ibidem, p. 276.

²² FRANK, Joseph. Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865-1871. *Op. Cit.*, p. 149.

²³ Ibidem, p.149.



²⁴ Ibidem, p.185.

²⁵ Ibidem, p.185.

²⁶ Ibidem, p. 200.

²⁷ DOSTOIEVSKI, Fiodor. Crime e castigo. *Op. Cit.*, 1998, p.560.

²⁸ Ibidem, p.560.

²⁹ Cf. a narrativa de Jó 19.

³⁰ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. Revelação como “dar-se conta de”: razão teológica e magistério pastoral. *Op. Cit.*, p. 65.

³¹ Ibidem, p. 66.

³² BENTO XVI. Carta encíclica Deus caritas est. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 3.

³³ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. Revelação como “dar-se conta de”: razão teológica e magistério pastoral. *Op. Cit.*, p. 68.